

A procura do rosto feminino na poesia dos anos 90

Sonia Cristina Bernardino Manzoni
Doutoranda em Literatura Comparada (UFRJ)

Nossa investigação se volta para o aparecimento das questões relativas à identidade feminina nos textos de poetisas cariocas que começaram a publicar a partir da década de 90.

Cumpre-nos dizer, à guisa de introdução, que este trabalho é fruto do incessante movimento que procura dar visibilidade à produção literária feminina, na tentativa de dar voz aos silenciados e excluídos, e, ao mesmo tempo, problematiza a reprodução dos pressupostos da crítica literária tradicional, que institui e legitima o cânone literário.

Por isso, ao estudarmos os textos de Isabel Fernandes, Nilzanira Reyes, Fátima Parente, Selma Wandersman e Beatriz Dutra não procuramos incorporá-los a nenhum tipo de cânone, estabelecendo critérios de valor, o que seria, no mínimo, equivocado, uma vez que nos falta o devido distanciamento temporal. Não se trata, portanto, de criar um cânone alternativo, avaliando o acabamento estético dos textos, mas de procurar nestes as visões do feminino e de suas experiências específicas.

Depois de suas contribuições inegáveis na esfera social enquanto movimento político, o feminismo, que atua hoje como corrente de pensamento, tem contribuído para reescrever a história, refletindo sobre ela.

No caso das questões de gênero e especificamente daquelas ligadas à identidade feminina, a emancipação deve vir acompanhada de uma reflexão sobre os novos caminhos a serem trilhados nesse processo e sobre o autor do núcleo identitário, pois, após séculos de patriarcalismo em que as identidades masculina e feminina foram construídas pelo então sujeito do discurso, o homem, compete a nós que analisamos a produção feminina ver em que medida assimila, confirma, subverte ou desconstrói o discurso instituído. E foi por essa via que procuramos encaminhar nosso trabalho.

Não buscamos uma identidade coesa e discursivamente acabada, até porque o próprio feminismo, encarregado de promover a emancipação de uma centralidade dominadora representada pelo patriarcalismo, criou vias de acesso para novas possibilidades de identificação, colocando em xeque o conceito de identidade totalmente centrado e unificado, partidário da exclusão e do isolamento, que esteve na base da formação dos Estados Nacionais e na construção de outras identidades culturais como a de gênero.

O conceito de identidade vem passando por mudanças ao longo do tempo. Para evidenciá-las, Stuart Hall aponta três concepções diferentes de identidade: a do sujeito do iluminismo, a do sujeito sociológico e a do sujeito pós-moderno.

A identidade do sujeito iluminista baseava-se na idéia de que o indivíduo estava totalmente centrado e unificado na razão e na consciência. Nesse núcleo, o sujeito nascia e se desenvolvia permanecendo o mesmo ao longo do tempo.

A noção de sujeito sociológico já refletia as mudanças no mundo moderno porque, segundo essa concepção, a identidade se formava na interação entre o sujeito e a sociedade.

Quando o processo de identificação através do qual nos projetamos em nossas identidades culturais se torna mais provisório, surge o conceito de sujeito pós-moderno que não tem uma identidade fixa essencial. Em momentos diferentes, o sujeito assume identidades diferentes que não são unificadas em seu “eu” coerente. Isso explica a complexidade desse processo de mudanças e nos obriga a pensar, no estudo a que nos propomos, que cada uma das autoras fala de um lugar único, marcado por seu papel de mulher, mas marcado também por sua profissão, classe social, religião etc. Assim, ao procurarmos as representações de gênero, nos defrontamos com diferentes e complexas representações.

Nosso primeiro objetivo é mostrar que a experiência feminina é um motivo poético constante nos textos de autoria feminina, confirmando o que foi dito por Rosiska Darcy de Oliveira em seu livro *Elogio da diferença*: “aproximar-se do feminino, inventando-o a cada dia, é o movimento que farão as mulheres neste fim de século”.

As vivências do cotidiano feminino orientam a redescoberta do direito “(a)o primado da diferença sem hierarquia e sem ambigüidade”.

A tentativa feminina de redescobrir-se na diferença é balizada pelas experiências cotidianas que influenciam o olhar feminino e seu modo de estar no mundo (OLIVEIRA, 1999, p. 17).

A maternidade, por exemplo, é uma experiência singular e transformadora que aparece nos textos de várias autoras aqui estudadas como em o preço de ser mulher de Selma Wandersman: Porque a natureza é essencialmente reprodutora. Não ser mãe é aberração. Deveríamos ser como as índias. Que nem sabem o que é essa dolorosa privação (WANDERSMAN, Selma).

Outro exemplo da presença e da importância da maternidade está no texto “O ser mulher” de Fátima Parente:

O ser mulher!
É como um rio que passa,
refrescando sentimentos,
pára-raios dos elementos!
É brisa mansa que afaga.
O seu cabelo branquinho
é a soma do carinho,
que se doa, abençoa...
Mãe, mulher!
Mãe, amiga.
Mulher, cantiga.
Mãe! Paixão!
Total coração!
(PARENTE, Fátima)

A maternidade não é captada como um impedimento, mas como uma realização necessária à experiência única de ser mulher. Mesmo que, ao longo de décadas, o fator biológico tenha sido usado para legitimar o confinamento ao espaço privado, a maternidade é uma experiência feminina e como tal é valorizada.

Pelo mesmo motivo, as presenças do corpo e da casa são relevantes nos textos. Na casa e no corpo estão inscritas, por exemplo, a ausência e a solidão, marcas de uma vivência feminina reiterada no decorrer da história.

A casa mantém relações bastante estreitas com a mulher por motivações histórico-culturais. O espaço doméstico foi o lugar de atuação da mulher por séculos e isso marcou decisivamente a experiência feminina.

O corpo e a casa se associam e se indiferenciam no poema “incandescência” de Nilzanira Reyes:

[...] no corpo de Maria incendeiam-se casas
e esqueletos calcinados são lembranças
que não morrem nunca
sua pele sensível alvenaria
registra prazeres temporários
ela recebe amantes seduzidos na sala
refogados na cozinha
Maria se anoitece quarto
espera a chama
nem água nem areia amornam tanto ardor
sua alma
rasa varanda se abrande
circula entre cômodos
cotidiana
a cada amor uma avenida de cinzas
(REYES, Nilzanira)

E, “sob a frágil luz”, de Isabela Fernandes, a casa também assume sua importância singular, ao final do texto, no penúltimo verso, a palavra *pele* desloca a leitura da casa para o corpo, criando a possibilidade de uma leitura nas duas direções:

[...] sob a frágil luz dos candelabros
as dobras
sobram na parede
em cada canto da sala
fronteira de traças
a trajetória das aves
no obscuro impasse
das cortinas rotas
que esvoaçam
para cima para os lados
intercalam
a costura da pele
descolam colorem
as trevas
(FERNANDES, Isabela)

O corpo feminino aparece também relacionado ao erotismo latente, que é agora assumido com exuberância. À guisa de exemplo, citamos o poema “Resquícius” de Beatriz Dutra:

Provára-me.
Saboreára-me
Apossára-se
por completo
de mim.
Sorvera-me
Sôfrega e obcecadamente:
planos,
devaneios,
alma,
tudo.
Restaram
apenas
resquícius
de sonho
de ter sido
plena.
(DUTRA, Beatriz)

E ainda “fantasia”, de Fátima Parente:

[...] numa noite quente,
tão quente, de verão,
na larga cama
me deito suada,
sem nada no corpo, sem nada...
só o meu pensar,

o quarto, gelado
do ar condicionado.
O corpo arrepia
e o espelho?
me espia...
Olha zombeteiro,
sorrateiro, a magicar...
Que mulher maluca,
sem pudor?
Ainda sonha...
Amor?
(PARENTE, Fátima)

Quando buscam um rosto feminino através da maternidade, do corpo e da casa, as autoras estão, na verdade, procurando o feminino como experiência. E o mais curioso é que muitas dessas vivências retomadas foram apreendidas, no passado, como sinal de fragilidade e de inferioridade. Podemos sugerir, então, que o feminino ainda se redescobre tentando superar o passado e reconhecer-se no que antes foi seu calcanhar de Aquiles. Temos, dessa forma, a apropriação do discurso instituído e sua ressemantização.

A desconstrução do discurso patriarcal estaria também presente? Dois poemas, de autoras diferentes, que retomam contos de fadas, espaço conhecido de propagação de um esteriótipo feminino, podem nos responder a essa questão.

Em “Cinderela”, Selma Wandersman, de maneira irônica, reconstrói a cena do conto original de acordo com uma visão de mundo pós-moderna:

Cinderela foi à luta
Em busca do príncipe
Não precisava ser príncipe,
Nobre ou mordomo
Podia ser de classe média
Ou assalariado como ela.

Notemos que termos como assalariado e classe média trazem a história para os dias atuais. E nessa nova versão, a mulher não é escolhida, ela é quem vai em busca de seu parceiro. Mas, o inesperado acontece:

Quando sem querer,
O príncipe esbarrou no senhor Barão.
Sempre gentil e atencioso,
O príncipe, para se desculpar,
Tirou o senhor Barão para seu par.

Neste trecho, a história torna-se totalmente inverossímil, se tomarmos os padrões de amor cortês, que servem como alicerce para o conto de fadas original. O rompimento com o modelo de conto romântico fica claro. O trecho final do poema irá acentuar essa visão, mostrando o vínculo da fada-madrinha, do príncipe e do barão com uma quadrilha de estelionatários:

No dia seguinte, deu no noticiário
A prisão da fada-madrinha,
Do príncipe e do senhor barão
Que faziam parte de uma quadrilha
De estelionatários, que estava
Ficando milionária com o golpe
Do príncipe encantado em cima

Isabela Fernandes escolhe outro caminho para desconstruir a imagem estereotipada da mulher que está presente nos contos de fadas.

A autora retoma a imagem cristalizada da princesa que deseja o amor, da mulher transitiva, que necessita do príncipe para se completar. A menina atualiza o gesto e joga a bola dourada, mas dessa vez não há o que encontrar:

A garota do conto de fadas
aquela que joga desde sempre
o jogo da bola dourada
até hoje
joga a bola para o alto
para o nada
contra as paredes que restam
nas ruínas da paisagem
contra os sonhos que retornam
nas ruínas da palavra

O cenário aqui não é novo, pelo contrário, é o cenário de sempre, tão antigo, que está cheio de ruínas. Essas ruínas simbolizam todo um discurso esvaziado pelo tempo e pelas mudanças. A mulher que joga a bola não encontra nada, mas talvez, ela possa descobrir que sua urgência é de si mesma, aprendizado oriundo dos “sonhos que retornam nas ruínas da palavra”. Palavra que inaugura o tempo da mulher intransitiva que pode até desejar o homem, mas não necessita dele para se realizar.

Rosiska Darcy de Oliveira afirma que a formulação e a afirmação da identidade feminina é improvável quando o arsenal de conceitos e palavras de que se dispõe é alheio.

Como escapar então de ver-se com o olhar do outro? O olhar feminino não estaria sobejamente contaminado com uma construção de identidade forjada no mundo masculino?

Sem dúvida alguma, as estratégias discursivas de apropriação, reescritura e desconstrução, encontradas nos textos analisados, mostram que não. A mulher que se escreve tem procurado um discurso próprio para falar de si mesma, assumindo o que a história lhe deixou como espólio, mas também renegando o que injustamente lhe foi imposto.

A mulher que se reescreve está não somente reorientando sua procura de uma identidade feminina e plural, mas engendrando novos caminhos discursivos, condizentes com a nova realidade que emerge.